

DESIGN TÊXTIL: ESTAMPA DA VIDA NA HISTÓRIA DA ARTE

Claudia Gaspar

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
cgcimino@gmail.com

Resumo: Este artigo baseia-se na pesquisa da evolução da estamperia têxtil e sua relação com a memória cultural e artística no século XX no Brasil e especificamente na Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. Através das lembranças e dos objetos de memória individual e/ou coletiva, representados através das imagens nas narrativas da história cultural, social e política e as relacionadas à pesquisa em termos de patrimônio têxtil, podemos repensar a relação da Ferreira Guimarães com o cenário artístico e cultural da história da cidade de Juiz de Fora. Resulta desta pesquisa a crescente percepção de que o design têxtil é uma das diversas formas de representação da história pessoal e social e busca constantemente suas referências e inspirações em obras e artistas consagrados na história da arte.

Palavras-chave: Arte, história, memória.

O artigo busca desenvolver a pesquisa da evolução da estamperia têxtil e sua relação com a memória cultural e artística no século XX no Brasil e especificamente na Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, fábrica têxtil situada na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Para isto, torna-se necessário fazer um levantamento histórico da empresa, enfocando principalmente sua atuação no ramo da estamperia e buscando trazer uma contribuição para o patrimônio histórico e cultural da humanidade. A Ferreira Guimarães, de certa forma, participou efetivamente no desenvolvimento de uma identidade cultural e memória da cidade de Juiz de Fora e da arte da tecelagem, do desenho de estamperia e sua evolução em termos de criação e moda.

Este estudo está diretamente relacionado ao exercício profissional realizado pela autora, que por ter atuado como designer durante anos na Cia Têxtil Ferreira Guimarães, sempre se interessou pela prática e observação de todo o processo de desenvolvimento têxtil. Ao perceber a importância histórica e social, tanto em situações relacionadas à pesquisa artística, criação de desenhos e desenvolvimento de produtos, quanto no relacionamento entre funcionários da empresa, clientes e fornecedores, culminou no desejo de realização deste trabalho.

“Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.”
(HALBWACHS, 2004, p. 55).

Existe também a proposição de investigar as principais estampas desenvolvidas pela empresa, sua relação com a arte e o que ficou em termos de lembranças, memória e história, assim como levantar as reflexões existentes em conhecer e conservar uma parcela do patrimônio cultural brasileiro que existe nos acervos têxteis.

As fontes utilizadas partem das pesquisas documentais em arquivos e bibliotecas, buscando registros sobre o início da industrialização têxtil no Brasil e em Juiz de Fora e o levantamento de como a Ferreira Guimarães se insere neste contexto. Pesquisa de dados também no próprio acervo da empresa e entrevista com pessoas relacionadas à história da mesma, fazendo uso de História oral. A metodologia segue a elaboração da análise bibliográfica, levantamento de dados, estampas, obras de arte e da pesquisa documental que conceituem a época, no final do século XIX e início do XX, para compreensão do cenário histórico e temporal. Confrontadas com os dados do presente, averiguar o que ficou marcado nas lembranças individuais e coletivas sobre a construção desta história têxtil, ou das histórias que se intercalam nesta construção, referenciadas por textos de autores e historiadores como Halbwachs, Chartier e Ginzburg, entre outros.

Através das lembranças e dos objetos de memória individual e/ou coletiva, representados através das imagens nas narrativas da história cultural, social e política e as relacionadas à pesquisa em termos de patrimônio têxtil, podemos repensar a relação da Ferreira Guimarães com o cenário artístico e cultural da história da cidade de Juiz de Fora.

“Se bem que a sociedade se assemelhe a essas tramas de fios obtidos passando um sobre o outro, de modo que eles escalonam regularmente, numa série de fibras animais ou vegetais, ou de preferência, no tecido, que resulta do entrecruzamento de todos esses fios. É verdade que o tecido de algodão ou seda se divide e que as linhas de divisão correspondem ao objetivo de um modelo ou de um desenho. Será que acontece isso mesmo na sucessão de gerações?” (HALBWACHS, 2004, p. 87).

A indústria têxtil no Brasil teve seu início em meados da primeira metade do século XIX. Juiz de Fora também foi palco da iniciação do processo de industrialização têxtil, alcançando uma grande tradição no setor e se tornando conhecida como “Manchester Mineira”. No ano de 1883, a região da Zona da Mata mineira inicia a produção fabril através da Fábrica Industrial Mineira, que inicialmente pertenceu a Morrit & Companhia.

Em março de 1889, a fábrica dos ingleses passou a se chamar Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira. Posteriormente, no mesmo local passou a ser Companhia Têxtil Ferreira Guimarães.

A Ferreira Guimarães foi fundada em 18 de janeiro de 1906 na cidade de Valença, Rio de Janeiro, como Companhia Industrial Valença, pelo Coronel Benjamim Ferreira Guimarães. Em 30 de julho de 1924, transformou-se em Ferreira Guimarães & Cia. Constituiu-se como Sociedade Anônima em 24 de setembro de 1937 sob a denominação de S/A Ferreira Guimarães. Em 1940, mudou sua razão social para Companhia Têxtil Ferreira Guimarães.

Historicamente falando, a construção desta unidade fabril muito contribuiu para a formação estética e arquitetônica de Juiz de Fora, assim como as outras fábricas que também foram instaladas na cidade nesta mesma época. Retratando aqui o mesmo estilo das fábricas inglesas existentes na Europa, trouxeram a inovação e também o crescimento industrial que garantiu a importância desta repercussão social e cultural na formação urbana da cidade.

Em 1987, a indústria têxtil brasileira já tinha um nível de qualidade reconhecido em todo o mundo. Através de um extenso programa de investimentos em atividades culturais feitos pela empresa, o lançamento do livro “80 Anos de Moda no Brasil” marcou as comemorações dos 80 anos da Cia Têxtil Ferreira Guimarães, cuja trajetória e desenvolvimento se confundem com a própria história da indústria têxtil e da moda brasileiras.

Resulta desta pesquisa a crescente percepção de que o design têxtil é uma das diversas formas de representação da história pessoal e social e busca constantemente suas referências e inspirações em obras e artistas consagrados na história da arte.

Sempre existe uma relação entre a linha que trama a vida e as memórias individuais e coletivas e sua representação no traço dos desenhos estampados que são específicos de um artista e de uma época. A memória do tempo e de sua marca na história pelo viés de uma empresa.

"... a mistura de realidade e ficção, de verdade e possibilidade, está no cerne das elaborações artísticas deste século. (...) Termos como 'ficção' ou 'possibilidade' não devem induzir a erro. A questão da prova permanece mais que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento em que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com a ajuda de uma documentação que também é diferente." (GINZBURG, 2007, p. 333-334).

Partir do princípio de que o tecido e a imagem que ele sustenta retratam uma vida e uma época, marcada por escolhas e sensações, é o que constitui a base da ideia deste trabalho. A arte e suas formas de representação acompanham o ser humano em toda a sua vida. O design têxtil tem um papel de grande significado neste sentido, não só pelo artista que o concebe em sua criação, mas também e principalmente por sua aceitação e circulação no mercado e sua construção enquanto acessório pessoal e social.

"(...) Ninguém duvida que o tecido tenha uma presença extremamente forte na sociedade contemporânea. Aliás, em tempos idos e vividos, a fibra tecida e vestida sempre foi símbolo de poder, segurança, competição, cobiça, gosto, elegância e outras variáveis de maior ou menor envergadura, incluindo seus opostos. Dentro das meadas que tecem a História, dos usos e abusos, torna-se patente e inequívoco que o pano é um catalisador de sensações que passam pelos sentidos dos humanos e celebram à sua moda, o que é bom usar ou o que merece ser esquecido (...)" (CHATAIGNIER, 2006, p. 46).

O artista, no momento de criação, é envolvido pelas questões pessoais, sua personalidade, seu traço e sua vontade, mas também por influências culturais e históricas da época. Ele é marcado pela história contemporânea, por obras de arte tanto antigas quanto de vanguarda, artistas consagrados e pelas tendências de estilo e cores que se destacam em um universo coletivo. Tudo isto ele vai usar no traço e na expressão das linhas que culminam no resultado de seu trabalho. O desenho é a expressão maior do seu sentimento e de sua criatividade.

A percepção deste conjunto de elementos é o que nos leva a pensar que tudo se constrói sobre um determinado desejo e sentimento comuns. No fundo, nada é aleatório e as criações se intercalam no tempo e espaço e se constituem enquanto construções de vidas e histórias.

Os tecidos e as estampas também constituem uma história e são reconstruídos pela sociedade, pelas pessoas que os vestem, transformando-os e complementando-os com suas escolhas, combinações e formas de uso.

“Ao longo de toda a história dos tecidos, alguns tipos se repetem. Esses tecidos tornam-se clássicos e alguns deles permanecem populares de uma forma ou de outra, por exemplo, poás, listras e florais. Outros deles entram e saem da moda, como o design paislei (motivo intrincado em formas cônicas). É interessante examinar o que torna um design têxtil clássico tão atemporal para, então, tentar reinventá-lo.” (UDALE, 2009).

Os padrões e estampas clássicos são desenhos que sempre estiveram presentes no decorrer do tempo e da história. Por tradições culturais, simbologias e significados comuns, tornaram-se atemporais e eternos. Talvez a condição de serem clássicos resulte de um consenso cultural e universal.

Através de seus significados permanecem nas escolhas individuais e coletivas, ainda que sejam reinventados. Todos os desenhos e as imagens, mesmo os padrões e estampas que não são clássicos, carregam uma simbologia. Criam sentido para os usos, geram identidades. O ser humano escolhe o que usar e confere significado às suas escolhas, relativas ao estilo das peças, cores e estampas. Porque a roupa, por exemplo, tem um significado muito mais amplo do que somente cobrir o corpo. Cada acessório determina uma forma de se ver ou querer ser visto pelos seus contemporâneos.

Neste sentido, o uso é que torna possível o não esquecimento, a manutenção de uma história. Assim é feita a preservação de um patrimônio, material ou imaterial. Não existe como manter viva uma história sem contá-la ou sem revivê-la através das lembranças. Portanto, as escolhas individuais e coletivas passam a contar a história pelos rastros do design têxtil.

A circulação do tecido estampado, tanto no que diz respeito ao número de pessoas que o utilizam quanto à variedade dos estilos e formas de peças confeccionadas, é o que demonstra o diferencial nas relações estabelecidas com as imagens.

As roupas e as estampas representam imagens da história. São retratos da vida, imagens artísticas usadas pelas pessoas de determinada época e que nos contam a história vivida. História que é marcada por linhas, formas e cores. São referências que nos mostram as ligações entre as diversas culturas e a história da arte.

“Há quem considere a estamparia como uma arte, até porque as tendências de moda muitas vezes apropriam-se de estilos, motivos e desenhos das artes plásticas. Mesmo no início do século XX, as artes e fatos históricos serviram de ilustração para panos de diversos tipos, registrando dessa forma épocas, costumes e correntes artísticas.” (CHATAIGNIER, 2006, p. 82).

O tecido e o design têxtil, e neste caso especificamente os desenvolvidos na Ferreira Guimarães, são referência para o conhecimento da cidade de Juiz de Fora e a relação existente entre as pessoas que conhecem, conheceram e usaram tecidos estampados da empresa. Estes tecidos registram e contam a história da empresa através do tempo. Eles traduzem na memória e na vida destas pessoas a influência que estes traços deixaram na história de cada uma delas. É a memória do tempo e de sua marca na história pelo viés de uma estampa.

Estampas que mantêm viva uma história fabril, que se entrelaça com outras histórias individuais e constituem tecidos de história. Telas de arte da vida social e individual.

Bibliografia

BRAGA, João. **Reflexões sobre Moda, Volume III**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a Fio: Tecidos, Moda e Linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CRANE, Diane. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

FUNDAÇÃO Nacional Pró-Memória. **Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro**. Rio de Janeiro, 1984.

GONTIJO, Silvana. **80 Anos de Moda no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

LIMA, Heitor Ferreira. **Formação industrial do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundo Universal de Cultura, 1961.

TRIBUNA DE MINAS. **Juiz de Fora em 2 tempos**. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda, s.d.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia: v. 8, n. 12, p. 87-115, jan.- jun. 2006.

CHARTIER, R. **A História cultural. Entre as práticas e representações**. 2. Ed. Lisboa: Difel, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

STALLYBRASS, Peter. **A vida social das coisas: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

UDALE, Jenny. **Fundamentos de design de moda: tecidos e moda**. Tradução Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2009.